

NOS RISCOS DA ALUSÃO¹

Jacqueline Authier-Revuz

Université Paris 3

Tradução de Ana Vaz - Doutoranda/UFPE

Dóris Arruda Carneiro da Cunha - UFPE/CNPQ

Resumo

Neste artigo, eu tratarei da alusão não diretamente como fato literário, mas, seguindo o trajeto no qual eu me vi defrontada com essa questão, como fato linguajeiro que põe em cena a enunciação e suas heterogeneidades, a discursividade, o sentido – o de um dizer que toma de empréstimo, de forma não explícita, palavras “do exterior”.

Palavras-chave: alusão; enunciação; modalidade autonímica; não-coincidências do dizer.

Abstract

In this article, I treat allusion not directly as a literary fact, but, following the path I chose to address this question, as a discursive fact that puts enunciation and its heterogeneity in the forefront, the discursiveness, the sense - that of a speech that borrows in a non explicit manner words "from outside".

Key words: allusion; enunciation; autonimic modality; non-coincidence of speech.

Résumé

Dans cet article, j'envisagerai l'allusion non pas, directement, comme fait littéraire, mais suivant le chemin sur lequel j'ai croisé cette question, comme fait langagier, mettant en jeu l'énonciation et ses hétérogénéités, la discursivité, le sens — celui, dans un dire de l'emprunt, non explicite, à des mots “ d'ailleurs ”.

Mots-clés: allusion; énonciation; modalité autonymique; non-coïncidences du dire.

¹ NT: In Murat M., *“L'Allusion dans la Littérature”*, coleção Colloques de la Sorbonne, Presses Universitaires de Paris-Sorbonne, 2000 (p. 209-235).

[...] o número de crimes e de suicídios cai vertiginosamente sob o efeito das bombas. O ódio parte de nós, atravessa a fronteira e se abate sobre o inimigo *cujo sangue impuro vai inundar, mais uma vez, as nossas terras*².

Cosmopolitan, outubro de 1985.

Naquele ano, quando, um pouco mais cedo que de costume, meus pais fixaram a data de retorno a Paris, na manhã da ida, como tinham mandado cachear os meus cabelos para ser fotografado, usar prudentemente um chapéu que eu jamais havia usado e vestir uma túnica de veludo, após ter me procurado em toda parte, minha mãe encontrou-me em lágrimas na pequena encosta contígua a Tansonville, dizendo adeus aos pilriteiros, cercando com meus braços os seus galhos espinhosos, e, como uma princesa de tragédia *a quem pesariam estes vãos adereços, ingrato para com a importuna mão que, formando todos esses cachos, teve o cuidado de arrumar meus cabelos sobre a testa*³ — pisoteando meus

²² NT: Alusão ao refrão do Hino Nacional da França *La Marseillaise*:

Aux armes citoyens,

Formez vos bataillons.

Marchons! Marchons!

Qu'un sang impur

Abreuve nos sillons

Às armas cidadãos!

Formai vossos batalhões!

Marchemos, marchemos!

Nossa terra do sangue impuro se saciará!

³ NT: Alusão a Racine, *Phèdre*, I, 3 :

Que ces vains ornements, que ces voiles me pèsent !

Quelle importune main, en formant tous ces nœuds

papelotes arrancados e meu chapéu
novo
Marcel Proust, *Du côté de chez
Swann, Combray*.

Não é diretamente como fato literário que eu tratarei aqui da alusão, mas, seguindo o trajeto no qual eu me vi defrontada com essa questão, ou seja, como fato linguajeiro que põe em cena a enunciação e suas heterogeneidades, a discursividade, o sentido — o de um dizer que toma de empréstimo, de forma não explícita, palavras “do exterior”. E se os jogos alusivos da intertextualidade literária são aqui considerados, eles se situam dentre enunciados de todos os tipos, susceptíveis de explicar o funcionamento linguajeiro da alusão e os seus “riscos” na relação que todo dizer apresenta com a sua exterioridade discursiva: *risco escolhido* pelo uso pontual da alusão, *risco de estar submisso* à exterioridade — a “alusividade” — própria do dizer e do sentido.

Por outro lado, pertence à escrita literária, e apenas a ela, enquanto prática linguajeira — que eu entendo consagrada à linguagem — a capacidade de ocupar posições enunciativas “extremas”, desconhecidas da discursividade ordinária, de dar forma textual ao *risco assumido* da alusão generalizada.

Modalidade autonímica e não-coincidências do dizer

Na grande diversidade de fatos reconhecíveis como “modo de despertar a idéia de uma pessoa ou de uma coisa sem a ela fazer expressamente menção” — definição da alusão no *Le Robert* ⁴ — será aqui considerada apenas a alusão a *palavras*, às palavras de um outro dizer, como acima, num artigo de “psicologia” da revista *Cosmopolitan*, “despertando a idéia” das palavras do Hino Nacional⁵, ou na narrativa de Proust “despertando a idéia” das palavras de Racine.

Assim, dos dois enunciados orais a seguir (ambos tratando de dificuldades do funcionamento universitário!), apenas o segundo, “despertando a idéia” das *palavras* de César, situa-se em nosso campo de pesquisas, enquanto o primeiro, evocando a lenda da Hidra de Lerne não pode nele se inscrever:

A pris soin sur mon front d'assembler mes cheveux ?
Quanto estes vãos adereços, quanto estes véus me pesam!
Qual importuna mão que, formando todos esses cachos,
Teve o cuidado de arrumar meus cabelos sobre a testa?

⁴ *Le Grand Robert*, tome 1, p. 272, sens 2

⁵ NT: La Marseillaise.

- (1) É de desesperar: tu resolves um problema, tu retornas, e
são sete cabeças que de novo crescem...⁶
(2) Eu sou corajoso, porém realista: vim, vi, ...fui vencido!

Tomada nesse sentido estrito, a *alusão* conserva alguma coisa do seu sentido original, “jogo de palavras” (ainda ligado a sua origem, “*ludus*”): nas palavras que enuncia, o *enunciador joga com a possibilidade de fazer ressoar*, não outras palavras da língua como no trocadilho ou no equívoco, ... mas *palavras de outros dizeres, suscitando, através da sua voz, a música de uma outra voz*.

De modo mais preciso, a *alusão*, assim compreendida como *empréstimo*, retomada não explícita de segmentos em sua linearidade, faz parte da *modalidade autonímica*: essa configuração enunciativa complexa⁷ corresponde ao desdobramento — metaenunciativo — de um dizer que, em um determinado ponto, faz, ao mesmo tempo, uso das palavras para falar de “coisas”, e um retorno, em menção, sobre essas palavras tomadas como objetos. Nesses pontos específicos, o dizer é representado como não funcionando naturalmente: o signo, em lugar de preencher neste dizer sua função mediadora de forma “transparente”, através do apagamento de si mesmo, interpõe-se como real, presença, corpo encontrado no percurso do dizer e ali se impõe como seu objeto; a enunciação, em lugar de se realizar “simplesmente” no esquecimento que acompanha as evidências inquestionáveis, se redobra em uma auto-representação opacificante dela mesma.

O percurso sistemático desses “retornos” reflexivos produzidos pelos enunciadores — desde a forma minimamente marcada das aspas até as longas fugas metaenunciativas de Proust, por exemplo, passando por um conjunto de locuções mais ou menos cristalizadas, tais como *por assim dizer*, *é possível dizer*, *é o caso de dizê-lo*, etc. — desenha o campo do que se pode chamar de “não coincidências do dizer”. Através das respostas construídas,

⁶ NT: As formas alusivas encontradas nos exemplos foram por nós sublinhadas. Os grifos presentes no corpo do texto são da autora.

⁷ Um estudo sistemático do funcionamento dessa forma de enunciação e de suas conseqüências na economia subjetiva e discursiva encontra-se em “*Ces mots qui ne vont pas de soi*” (Authier-Revuz 1995). No que diz respeito à noção de conotação autonímica, definida por J. Rey-Debove, da qual a “modalização autonímica” se origina, esta opera deslocamentos diversos (de ponto de vista, de definição, cf. Authier-Revuz (95), p. 30-40, p. 158-160): dentre eles o de que, de modo contrário à concepção de conotação autonímica como “lugar onde o enunciador leva em conta a linguagem dos outros” (Rey-Debove 1978: 266) [grifo meu], a modalização autonímica é vista como um “surgimento” enunciativo do outro da linguagem — ao que eu dei o nome de não-coincidências do dizer — onde entra em cena o jogo enunciativo *entre outros* e não exclusivamente “a linguagem dos outros”.

os enunciadores assinalam o tipo de “encontro” ocorrido na duplicação reflexiva do seu dizer. Encontros do heterogêneo, do não-um, que se impondo localmente ao enunciador, alteram o “UM” da sua enunciação comum: não-coincidência entre os interlocutores, irremediavelmente outros (ao que remetem os *se você prefere, como você diz...*); não-coincidência entre as palavras e as coisas (que organizam todos os *por assim dizer, se é possível dizer isso..., não me vem a palavra, ...*); não-coincidência das palavras com elas mesmas, como é o caso do equívoco, da polissemia, da homonímia (aos quais respondem, para reduzi-la ou acolhê-la, os *X no sentido de P; X nos dois sentidos da palavra; X, é o caso de dizê-lo,...*); e, finalmente, a não-coincidência que pode ser chamada de não-coincidência “do discurso com ele mesmo”, espaço do jogo com a exterioridade discursiva num dado discurso (assinalada em *como diz..., para falar como..., eu retomo aqui as palavras de..., segundo a expressão, o que x chama..., etc.*).

No que diz respeito às não-coincidências do dizer, consideradas inerentes, constitutivas da enunciação, e, como tais, por ela irrepresentáveis, - isto significando que a “comunicação” encontra continuamente obstáculos para constituir o “um”, que o referente é sempre de alguma forma “fracassado” (como dizia Lacan), que o jogo de “palavras sob palavras” não cessa jamais, e que, finalmente, toda palavra enunciada “recebe” o já-dito de outros discursos que inevitavelmente a habitam -, as formas de auto-representação do dizer da modalização autonímica aparecem como os lugares sensíveis no dizer, de negociação obrigatória de todo dizer com o fato das não-coincidências inerentes que o atravessam⁸.

As imagens de pontos de não-coincidência que suspendem o trajeto unificado do dizer dão lugar ao fato das não-coincidências, as quais, desta forma, ganham corpo e são reconhecidas; ao mesmo tempo, entretanto, elas interpõem uma máscara, ilusão necessária, pelo caráter circunscrito (“o restante” sendo diferencialmente constituído como um) e controlado (por um enunciador, a partir de sua posição de sobrevôo metaenunciativo, ao dizer o que é o seu dizer) desses pontos de não-coincidência representadas; ou realizam uma reafirmação protetora do UM do dizer, de um modo imaginário absolutamente necessário, oposto à ameaça de dispersão, que faz pesar sobre a enunciação e o sentido o jogo das não-coincidências inerentes nas quais eles se constituem,... e poderiam desfazer-se.

⁸ Essa articulação, na enunciação, entre o heterogêneo — de um lado, como condição de existência do dizer e, de outro lado, como forma ali representada — ponto nuclear em Authier-Revuz (1995), é desenvolvida em *Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive, éléments pour une approche de l'autre dans le discours* (Authier-Revuz 1982) e também em Authier-Revuz (1984).

Entre esses dois extremos onde desaparece o sentido — o da fixidez convencional de um sinal e o de sua desvinculação — todo dizer deve se posicionar de forma singular no espaço das não-coincidências da enunciação: dessa “posição enunciativa” cada dizer testemunha, de forma particular, por meio da imagem que ele representa e ao longo dos retornos reflexivos sobre suas próprias palavras, as não-coincidências que lhe são próprias. Quais são, entre os heterogêneos que afetam constitutivamente o dizer, os que ele reconhece e os que ele ignora?⁹ Que lugar ele reserva a tal heterogeneidade? Casual? Invasivo? Uma vez esses heterogêneos assinalados e reconhecidos sensíveis, em que pontos do dizer eles aparecem? Que tipos de respostas o dizer lhes traz?¹⁰

No campo em que a alusão se inscreve — o da não-coincidência do discurso consigo mesmo, no qual opera o conjunto das formas de modalização autonímica “de empréstimo”, assinalando localmente um “eu falo *aqui com* palavras exteriores”, é a marca separadora entre o exterior e o próprio das palavras que o enunciador escolheu em um processo de estabelecimento de fronteiras, que desenha, por diferenciação, ao longo dos limites exteriores, o contorno de um interior, das “próprias” palavras em que se apóia o sentimento de sua identidade, imaginário e vital para o sujeito.

O real da não-coincidência inerente ao discurso consigo mesmo (seja ela posta nos termos do dialogismo bakhtiniano, da “primazia” do interdiscurso de Pêcheux, etc.) faz com que seja na sua própria essência, e em todos os seus pontos — em cada uma de suas palavras e de seus sentidos — que um discurso escape dele próprio por ser constituído pelo e do já-dito. Na negociação obrigatória do enunciador com essa heterogeneidade radical, o que as formas representadas de não-coincidência consigo mesmo evidenciam, e cujas marcas o próprio discurso desenha, é toda uma outra relação com o exterior, o outro: não aquela de um interior constituído pelo exterior (no sentido de ser “feito com”), o qual ao mesmo tempo desfaz sua unidade, mas aquela de um interior também “constituído”, se quisermos fazer uso

⁹ Um determinado dizer, reagindo à presença, em suas palavras, de palavras alheias, pode ignorar o jogo do equívoco negando seus constantes “transbordamentos” em direção a um dizer outro; uma determinada fala pode fazer constantemente uso de expressões como “se você assim deseja”, ao deparar-se com a distância entre ela própria e uma outra, exatamente onde o texto, ignorando essa dimensão de não coincidência, substitui, de modo lacinante, a “coisa faltante” por palavras da ordem do “por assim dizer”.

¹⁰ Um espaço do equívoco pode ser, portanto, negociado seja através de uma tensão pela fixação de um determinado sentido, seja, ao contrário, pelo acolhimento da pluralidade de significações (*X, no sentido p e não no sentido q* vs *X, em todos os sentidos da palavra*, por exemplo).

desse termo, mas no sentido de “configurado”, de delimitado por exteriores que asseguram a sua unidade e a sua identidade.

O empréstimo de palavras e seus graus de balizamento

A descrição precisa da diversidade de formas pelas quais a modalização autonímica de empréstimo se realiza permite evidenciar numerosos parâmetros diferenciadores¹¹ no que diz respeito às imagens da relação interior/exterior que todo discurso singularmente apresenta: dentre elas, situa-se aquela relativa ao que a alusão tem de específico na marcação, ou não, de uma fronteira que separa o exterior do interior, ou, dito de outra forma, na relação entre marcação e interpretação no mecanismo de representação de um segmento como oriundo de um exterior. É do lado do não-marcado, evidentemente — e partindo da interpretação — que se situa a alusão, mas é necessário salientar o quanto essa oposição não é binária, apresentando, ao contrário, uma gradação entre dois pólos. A marcação de um empréstimo passa, efetivamente, por duas operações de delimitação — ou “balizamento”: (a) a de localização-delimitação do fragmento na linearidade do discurso; e (b) a de localização-identificação da fonte exterior no espaço do já-dito. E cada uma dessas operações apresenta graus diversos no balizamento que ela realiza.

(a) Assim, nos enunciados seguintes, o “recorte” do fragmento tomado de empréstimo — o próprio empréstimo explicitado através de um comentário meta-enunciativo — apresenta-se segundo uma escala na qual a marcação por meio de uma forma da língua (tipografia, sintaxe,...) e a interpretação no discurso seguem uma curva inversa. Indiquemos aqui, sumariamente, três graus:

1 — o de uma delimitação unívoca do segmento, assegurada pela colocação em *itálico* (3), pelo uso das aspas (4), ou pela retomada autonímica do termo (5):

- (3) Se acreditássemos na narrativa dos condutores de charretes que ali restavam, a estrada de Lessay era o teatro de aparições as mais singulares. *Na linguagem da região, ele voltava.* [...]. [B. d'Aurevilly, *L'ensorcelée*]
- (4) A Princesa Palatina sabe também ser séria. De origem protestante, ela se comporta com menos hipocrisia do que “*as velhas carolas*” — *é dela a expressão* — que a cercam. [*Le Monde*, 23.11.85, artigo sobre as Cartas da Princesa Palatina]

¹¹ Esses parâmetros diferenciadores dos tipos de representação do exterior em um discurso são sistematicamente analisados e recapitulados em Authier-Revuz (1995: 269-505). Uma abordagem abreviada é proposta em Authier-Revuz (1997).

- (5) [...] uma das mil e uma expressões saborosas de nossos malditos primos do outro lado, *malditos, modo deles falarem, o que corresponde um pouco a nosso cretino* [...]. [*Le Canard enchaîné*, 3.10.84, p. 7]

2 — o de uma delimitação parcial do fragmento, sua fronteira à direita sendo indicada pela presença de um comentário no fim do enunciado (*como atualmente se diria, como disse Humpty Dumpty*), mas cujo recorte do sintagma referido (*inimigo potencial* mais do que *potencial* ou *língua do inimigo potencial*, etc.; apenas *ele é o senhor* ou...?) só é possível com base no (re)conhecimento do estereótipo da vida política ou dos diálogos de Lewis Carroll:

- (6) Na Prússia, o conhecimento do francês era a qualidade primeira do futuro diplomata. [...] Aparentemente, não se via, então, nenhum inconveniente em que documentos oficiais fossem redigidos na língua do *inimigo potencial, como se diria atualmente*. [M. Robert, *Le puits de Babel*, 1987]
- (7) [...] mas qual era o alcance semântico da fórmula? Poder-se-ia ao menos explicar porque os jurados compreenderam: “ele é responsável por aquilo de que o acusam”, o que, sempre falando semanticamente, é bastante diferente. Dir-se-á que o júri pode entender o que ele quer, já que ele é soberano, *ele é o senhor, como disse Humpty Dumpty*. [O. Mannoni, *Fictions Freudiennes*, 1978]

3 — finalmente, aquele cujo grau de delimitação do fragmento é minimamente marcado, como em (8) ou (9), onde a indicação explícita de um empréstimo pode deixar — como testes feitos com leitores diversos o demonstraram — o receptor incerto não só quanto à delimitação exata dos limites do fragmento referido, como também quanto a sua localização (como em (8), tendo à esquerda o *analista casado* e à direita *perder o prestígio que lhe dava sua função*: pode-se falar de um lado e do outro de comentário?), além dos casos de oscilação no mecanismo discursivo de reconhecimento, através da memória discursiva “adequada”, tal como o mascaramento presente, por exemplo, em (8), no título da novela *Le Prêtre marié* de Barbey d'Aurevilly, ou nas palavras exatas de F. Jacob, em (9):

- (8) Existem riscos também na realidade, quando o *analista casado* — *para falar desta vez como Barbey d'Aurevilly* — terá perdido o prestígio que lhe dava sua função. [O. Mannoni, *L'amour de transfert*, in *Ça n'empêche pas d'exister*, 1982]
- (9) O homem é o resultado de um curioso arranjo, como diz François Jacob, no nível evolutivo. [A. Jacquard, *Le nouveau F*, mars 83, p. 85]

(b) Do mesmo modo, é possível observar, nos enunciados que se seguem — aqui também sem entrar no detalhe de uma gradação não inventoriável —, uma escala decrescente quanto à precisão de localização do ponto do interdiscurso ao qual um fragmento é remetido, sob formas cada vez mais alusivas. Assim, se passa:

4 — de uma localização unívoca, dada por um jogo de coordenadas (espaço, tempo, nomes próprios, como em (10)), no estilo acadêmico, de uma explicitação máxima (como em (11)), casos opostos à alusão:

- (10) Três gêneros estão aqui misturados: a biografia (sob a forma de narração “heterodiegética”), [...] e a autobiografia (sob a forma de narração “autodiegética”)¹ [nota 1: *Eu faço uso dos termos de G. Genette, Figures III*, ed. du Seuil, 1972, p. 251, 253 [...].] [P. Lejeune, *Je est un autre*, 1980]
- (11) Lembrando-me de que “a saída de um ministro pode ser um serviço prestado ao Estado” (¹), eu quero usar [...]. [(1) Charles de Gaulle (Mémoires de guerre)]. [J.P Chevènement, *Le Monde*, 10.5.83]

5 — a uma localização mais grosseira, aquela do amplo campo discursivo das palavras ou dos escritos de um determinado enunciador — mas não do ponto específico do já-dito na enunciação original do fragmento —, como em (12) ou (13):

- (12) [...] a forma “esquelética” – o epíteto é de Sartre — com que o marxismo havia, até então, visto as sociedades. [C. Clément, *Vies et légendes de Jacques Lacan*, 1981]
- (13) Mas a Resistência conformou-se com cadeiras atualmente suficientes para não ser mais a “desordem das coragens” de que falou André Malraux. [*Le Monde*, 7.5.87, p. 15]

6 — para alcançar, em (14) e (15), uma indicação cuja imprecisão — passando pela marca evidenciadora do definido ou pela desenvoltura do indefinido — remete o receptor a sua ignorância (Qual poeta? Quem é “o outro”?) ou aos bem vindos recursos de sua memória discursiva:

- (14) O que ocorreu no dia 20 de março é a prova, *como diz o poeta*, de que certamente “*nunca nada é dado ao homem*”¹². (S. Ostrowiety, *La lettre des amis de la CCE*, n°21)
- (15) É verdade: *La Femme sous l'horizon* não é um festival de brincadeiras. Ali se vê imigrantes russos cultivarem [...] um passado de fogo, de violência, de alcoolismo, de desolação, de amores destruídos. Mas e daí? Não é *assim que vivem os homens, como dizia o outro?*¹³ [B. Poirot-Delpech, *Le Monde*, 29.4.88, p.19]

No nível mais baixo de delimitação do lugar de exterioridade discursiva — isto é, na ausência de qualquer indicação — é de modo puramente interpretativo que o fragmento da cadeia encontrará ou não seu “respondente” na memória discursiva. É o caso desses fragmentos entre aspas que entram em ressonância com uma determinada fábula de La Fontaine, com um determinado poema de Mallarmé, ou, ao contrário, permanecem como formas de apelo suspensas num vazio:

- (16) E, no entanto, como se fosse para me reter, o campo ontem se encheu de mil maravilhas “*assim como nos mais*

¹² NT: Alusão ao poema de Aragon, *La Diane Française*, « Il n'y a pas d'amour heureux. »

Rien n'est jamais acquis à l'homme

Ni sa force

Ni sa faiblesse ni son cœur

Et quand il croit

Ouvrir ses bras [...]

Sa vie est un étrange et douloureux divorce

Il n'y a pas d'amour heureux

Nunca nada é dado ao homem

Nem sua força

Nem sua fraqueza nem seu coração

E quando ele crê

Abrir seus braços [...]

Sua vida é um estranho e doloroso divórcio

Não existe amor feliz.

¹³ NT: Alusão aos versos de Aragon, *Le Roman Inachevé* :

Est-ce ainsi que les hommes vivent

Et leurs baisers au loin les suivent [...]

É assim que vivem os homens

E seus amores ausentes os seguem [...]

belos dias"¹⁴. O ar estava leve; o céu, inefavelmente puro [...]. [A. Gide, *Journal*, 6 mai 1940]

- (17) É a perfeição perseguida por algumas sapiências. Mas, o "*belo hoje*" traz dilaceramento, e seu "*golpe de asas em desvario*"¹⁵, nos deixa a mercê de outros destinos. [J. Durandeaux, *Poétique analytique*, 1982]

É, aliás, nesses casos, que as aspas têm o valor de empréstimo (mais do que o de sinal de formulação casual, metafórica, de um jogo de palavras, etc.) e provêm da interpretação; e se, para receptores que não dispõem do já-dito adequado o tamanho e a complexidade sintática do fragmento delimitado (como acima) funcionam quase sempre como índices da presença de empréstimo, é o próprio empréstimo que aparece claramente; incerto, no caso de palavras isoladas ou de sintagmas curtos; assim ocorre com receptores que, desconhecendo o título do texto de Malraux (*Le Musée Imaginaire*) ou o de P. Henry (*Le Mauvais Outil Langue, Sujet et Discours*), consideram, não sem razão, a possibilidade de uma formulação metafórica, sublinhada como tal pelo enunciador, quando colocados diante do empréstimo feito a uma fonte não-identificável (com uma tendência, em (18), a atribuí-lo a M. Yourcenar):

- (18) [...] um encontro de uma hora com Marguerite Yourcenar. [...] autora da "*Obra em Negro*" nos desvela um pouco dos seus segredos, ao nos conduzir através do seu "*museu imaginário*". [F. Magazine, janeiro de 1981, p. 63]
- (19) A língua é um código imperfeito, uma "*má ferramenta*" cujos meios finitos são heterogêneos. [J. Bastuji, *Modèles linguistiques* V-2, 1983]

¹⁴ NT: Alusão a La Fontaine, "*Le Héron*", *Fables*, VII, 4 :

L'onde était transparente ainsi qu'aux plus beaux jours.

A onda era transparente como nos mais belos dias.

¹⁵ NT: Alusões a Mallarmé, *Poésies*, "*Le vierge, le vivace et le bel aujourd'hui*":

Le vierge, le vivace et le bel aujourd'hui

Va-t-il nous déchirer avec un coup d'aile ivre

Ce lac dur oublié que hante sous le givre

Le transparent glacier des vols qui n'ont pas fui !

O virgem, o vivaz e o belo hoje

Vai-nos ferir num golpe de asa em desvario

Rijo lago esquecido sob o orvalho frio

O gelo transparente em vôos sem mais via!

A alusão: o limite da não-marcação

Partindo de formas inteiramente delimitadas (como, por exemplo, em (10)), foi possível observar o movimento gradual das formas de modalização autonímica de empréstimo, fazendo com que a “parte alusiva” se torne cada vez maior em relação inversa aos processos de marcação na língua (tipográficos ou segmentais): ao fim de tal gradação, a alusão propriamente dita corresponde à superação de um limite, através do seu grau zero de marcação na língua, originando-se inteiramente da interpretação.

Ali onde é possível considerar que uma dada seqüência linear da *língua* francesa é, fora do contexto, uma forma de modalização autonímica de empréstimo (*desta forma x, como disse x*, por exemplo), e onde é possível construir um quadro, no plano sintático-lexicológico, das formas pelas quais se realiza essa modalidade enunciativa na língua, nenhuma sentença pode ser considerada intrinsecamente uma alusão, mas apenas parte de um enunciado singular em um dado contexto discursivo: enquanto fato discursivo, a alusão é fundamentalmente um fenômeno *relacional*.

Assim, se a seqüência “...um detalhe, como disse x...” é em si mesma uma forma de modalização autonímica de empréstimo independentemente de todo contexto, por outro lado é na relação com o contexto discursivo no qual é enunciado que o sintagma recebe, ou não, interpretativamente, o status de alusão (modalização autonímica de empréstimo não marcada) com todos os efeitos de sentido a ela relacionados como em (20), (remetendo, à fala de Le Pen), contrariamente ao que ocorre em (21):

- (20) Em 11 de abril passado, um sábado de primavera, Primo Levi jogou-se do vão da escada de seu edifício em Turim. Vencido. A morte com a qual ele lutava desde Auschwitz o venceu. No braço esquerdo do seu corpo sem vida foi encontrada uma tatuagem. Un número: 174.517. *Hundert vier und siebzig Fünf hundert siebzehn*, como designaram os Alemães. *Um detalhe*¹⁶, certamente. [J.C. Raspiengeas, *Télérama*, 18.10.87]

¹⁶ NT: Alusão à declaração de J.M. Le Pen (13-09-1987), a respeito do genocídio dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial:

Je n'ai pas étudié spécialement la question mais je crois que c'est un point de détail de l'histoire de la Deuxième guerre mondiale.

Eu não estudei especificamente a questão, mas acredito que é um detalhe da história da Segunda Guerra Mundial.

- (21) Pela primeira vez neste ano, X não enviou seus votos a todos os membros do serviço, como ele sempre o fazia. *Um detalhe*, é claro. Mas eu o considero significativo. [Oral, 15.02.98]

A mesma observação é válida para o sintagma “globalmente positivo” que, no contexto da reflexão política onde aparece em (22), despertará, na memória discursiva de um determinado receptor, o eco da avaliação de “balanço globalmente positivo” (reforçado pela presença da palavra *balanço*), formulada em 1981 pelo partido comunista a respeito da União Soviética, e ressoará, carregado de sentidos, nas palavras do dizer, ao passo que tais palavras em (23), no quadro de um trabalho de psicologia consagrado à abordagem terapêutica de Carl Rogers, não provocarão, no mesmo receptor, uma reação — interpretativa — de identificação da alusão:

- (22) O liberalismo econômico não cessa de afirmar o caráter *globalmente positivo do seu balanço*¹⁷, enquanto apenas os seus detentores ocuparem as instâncias que julgam o positivo ou o negativo de seus balanços. [J.C. Milner, *Archéologie d'un échec*, 1993]
- (23) Essa dinâmica positiva não é linear: ela exige um trabalho que a constrói e a mantém. Nem tudo é só positivo, mas tudo pode integrar-se em um processo considerado como *globalmente positivo*. Aliás, as situações são sempre enriquecidas, se postas em perspectiva. [E. Galam, *Paroles en miroir*, dans *Autrement*, n° 180, 1998]

Os dois parâmetros de marcação da modalização autonímica de empréstimo acima citados — delimitação do segmento na cadeia do dizer e localização da fonte no campo do já-dito — encontram-se aqui em termos de dupla relação contextual que o status da alusão implica: um segmento reconhecido como alusão é posto como “outro” em relação ao seu contexto linear — do qual ele se distingue, destacando-se do “mesmo” do discurso —, e posto como “mesmo” em relação ao exterior discursivo — com o qual ele coincide, “fazendo um” com o outro do discurso.

Essa “disposição” discursiva complexa, articulando um fragmento a dois lugares — a linha do dizer e o espaço do já-dito — através de dois tipos de relação — diferença no intradiscorso e semelhança no interdiscorso, estranhamento no dizer aqui e familiaridade no ali do exterior — se presta a realizações e modos de recepção os mais diversos.

¹⁷ NT: Alusão ao relatório de G. Marchais no Congresso do Partido Comunista Francês, de 1979, a respeito dos países socialistas (“bilan globalement positif”).

Um dos casos interessantes a destacar é aquele no qual a saliência do fragmento tomado de empréstimo no fio do discurso — indo da clara ruptura à sutil perturbação de um “insólito” quanto ao registro, ao tom... a tudo o que dá “unidade” em um discurso — produz no receptor a certeza ou a suspeita de um empréstimo a um exterior que lhe é, entretanto, desconhecido: a alusão funciona então como uma falta, criando no dizer o apelo a um exterior, por meio do questionamento que ali inscreve a diferença — o heterogêneo —, mas o apelo fica em suspensão dentro de um espaço interdiscursivo que permanece mudo. Sem que produza qualquer resposta de similitude, a alusão não pode “ganhar corpo”, deixando o receptor no desconforto de um dizer atravessado pelas sombras de um outro discurso cuja presença, não dita, ele percebe, mas lhe escapa, tornando-o incapaz de dar-lhe consistência — voz e forma.

Dentre os efeitos de forte discordância no campo dos registros da língua, evoquemos dois exemplos elementares de alusão na *Marseillaise*¹⁸ e a clara dissonância de registros que as lamentações da tragédia clássica inscrevem — mesmo não reconhecidas como aquelas de Fedro — em um contexto de papелotes e de chapéu... ou o caráter de estranhamento, próximo do absurdo, que ocorre em (24), se não se possui a “chave” dos versos de Baudelaire que circulam, desarticulados, na superfície plana desta prosa radiante:

- (24) Toda uma geração [...] foi morta porque não encontrava no mundo [...] indício de fraternidade, igualdade, etc... — outros começam a duvidar de que a *natureza seja um templo e de que nesse templo, os seus pilares, que seriam vivos, deixariam aos iniciados, em tais circunstâncias, palavras confusas*¹⁹, porém precisas quanto ao sentido difundido [D. Oster, *Dans l'intervalle*, 1987, (texto fictício datado de 1886, em resposta a um artigo publicado em “Le Symboliste”)]

¹⁸ Esse hino foi testado, inúmeras vezes, com receptores estrangeiros portadores de um bom conhecimento do francês e suas variedades, tendo sido observado, em uma revista contemporânea, a sensação de estranheza face ao “sangue impuro” que “inunda nossas terras”, de modo que o conhecimento das palavras do hino nacional, não indo, via de regra, muito além dos “filhos da pátria” ou, algumas vezes, do “dia de glória chegou”, tornou impossível, a esses receptores, dar um nome a essa voz estrangeira.

¹⁹ NT: Alusão aos versos de Baudelaire, *Les Fleurs du Mal*, “Correspondances”.

La Nature est un temple où de vivants piliers
 Laissent parfois sortir de confuses paroles : [...]
 A Natureza é um templo onde vivos pilares
 Podem deixar ouvir confusas vozes: [...]

Menos evidentes, por sua dimensão mais “sábia”, menos claramente discordantes, os empréstimos que se seguem, feitos a Proust, ao *Bateau Ivre* e a *Bérénice*, apresentam, a quem, contudo, os reconhece, o irritante enigma de um “por que o uso de tais palavras? O que elas querem dizer? Para que serve esta evocação de detalhes triviais da vida privada em (25)? Por que esse detalhe pitoresco e esse complemento marítimo em um texto (26) que nada tem de descritivo? Ao que responde, pois, em (27), esse protesto do “de modo algum” além de evocar um oriente “vivo” e “habitado”...?

- (25) Provavelmente, uma vez que eu não procurava manuscritos, eu poderia ter encontrado os mesmos livros fora, ou fazê-los vir através da biblioteca de minha universidade. Mas *durante muito tempo, costumava deitar-me cedo*²⁰, sonhando em subir a Montagne Sainte Geneviève com Abélard, em chegar a [...]. [U. Eco, discurso proferido quando de seu ingresso como Doutor Honoris Causa na l'Université de Paris 3, em 20.1.89]
- (26) Assim, alguém poderia ser tentado a interpretar o episódio da América, em *Manon Lescaut*, como uma utopia do reino burguês por vir [...]. A democracia... americana parece doravante reunir, no trabalho, na modéstia, na fidelidade e na moral, aqueles que a *Europa dos antigos parapeitos*²¹ destruía, que enfrentavam continuamente, apesar do amor, suas classes, seus sexos, suas peculiaridades. [F. Vernier, *Manon Lescaut, ni reflet, ni anticipation, un texte dans l'Histoire, Cahiers d'Histoire des Littératures Romanes*, 1988, 3/4]
- (27) O olhar de Giraudoux vai mais além: “*As Fábulas de La Fontaine são verdadeiros contos, são os nossos contos das Mil e Uma Noites*” [...] Eis, em duas palavras, a chave de La Fontaine, o mais oriental dos clássicos do Ocidente. Seria necessário escrever um livro sobre o Oriente e nós. [...] E se descobriria, com alegria, no seio de nossa cultura, todo um reino do Oriente. La Fontaine seria dele o

²⁰ NT: Alusão à primeira frase de Proust em *A la Recherche du Temps Perdu*: Longtemps je me suis couché de bonne heure [...].
Durante muito tempo, costumava deitar-me cedo.

²¹ NT: Alusão ao verso de Rimbaud no *Bateau ivre* :
Je regrette l'Europe aux anciens parapets
Lamento a Europa dos antigos parapeitos !

príncipe sutil e indolente [...]. E eis que o milagre acontece: nós acreditamos na história que nos contam [...]. E nós encontraremos, sem perturbação, todo esse *Oriente absolutamente não deserto*²² que em nós dormia. [C. Roy, *La Conversation des Poètes*, 1993]

Em outros casos, por outro lado — sem, evidentemente, que essa oposição seja binária — nenhuma discordância no fio do discurso vem alertar o receptor: e é apenas sobre a vertente da semelhança com o já-dito que irá se processar o reconhecimento da alusão; ou, ao contrário — sem o desconforto, anteriormente evocado, de saber que não se percebe a alusão —, será ela tranquilamente ignorada sob a igualdade aparente de uma linearidade sem ruptura.

Assim, a grandiloquência da declaração de Pétain (28), os acentos marciais do apelo de 18 de junho (29), o coquetismo lúdico do título de Mairiaux (30), ou a graça melancólica dos “balcões do céu” do *Recueillement* de Baudelaire (31), se inscrevem, sem acidente perceptível, no desenvolvimento do dizer: confiadas unicamente aos ecos da memória, essas alusões correm o risco, bem mais que as precedentes, de serem ignoradas e, com elas, as ressonâncias irônica (28), recuperadora (29), divertida (30), poética (31), ricas de sentidos, ...que ocorrem entre as duas vozes — aquela do dizer e aquela do outro dizer:

- (28) A seus interlocutores, ele explica que haverá uma nova convivência depois das eleições legislativas, que Jacques Chirac já se doou o bastante e não retornará, portanto, a Matignon; mas que, por outro lado, ele, Balladur, está pronto para doar-se à República²³ [*Le Canard enchaîné*, 10.1.90]
- (29) Em 16 de março, *a direita obteve uma vitória, mas ela não ganhou a França*²⁴. [J.P. Chevènement, Discurso de 20.4.86, citado no *Libération*, 21.4.86]

²² NT: Alusão a Racine, *Bérénice*, I, 4 :

Dans l’orient désert, quel devint mon ennui !

No Oriente deserto, em que se transformou meu tédio !

²³ NT: Alusão a Pétain, 1940 :

Je fais don de ma personne à la France.

Eu me doo à França.

²⁴ NT: Alusão a De Gaulle, 1940 :

La France a perdu une bataille, mais elle n’a pas perdu la guerre.

A França perdeu uma batalha, mas não perdeu a guerra.

- (30) Flertes, delicadezas, meiguices, [...]. Diálogo escrito cuidadosamente, mas marcado por uma fantasia um pouco artificial. Réplicas algumas vezes ditas com uma velocidade maquinal. Entrecortado de adulações, um exercício loquaz. *O jogo do amor e dos falastrões*²⁵. [Crítica do filme *Nuit d'été en ville, Le Canard enchaîné*, 22.8.90]
- (31) Belas e jovens, cedo eleitas, é possível que elas se debruce nas *sacadas do céu*²⁶ e observem o que delas nós guardamos. Demos, portanto, a cada uma, aquilo que, como terrenas, elas amariam: restauremos o túmulo de Marie Bashkirtseff e, para Renée Vivien, deixemos crescer a grama, as viórnias que sobem e escondem o nome, a violeta selvagem... [Colette, *Mausolées, Aventures Quotidiennes*, 1924]

Escolher o risco da alusão

Forma de dialogismo interdiscursivo (no sentido de Bakhtin), fazendo ressoar em suas próprias palavras as palavras de outros, a alusão é especificamente, se comparada às formas marcadas de empréstimo, um tipo de

²⁵ NT: O jornal *Le Canard enchaîné* faz uma alusão ao título da peça de Marivaux, *Le Jeu de l'Amour et du Hasard* (O Jogo do Amor e do Acaso), substituindo "hasard" por "bavards" (falastrões).

²⁶ NT: Alusão a Baudelaire, *Les Fleurs du Mal*, "Recueillement" (As Flores do mal. Tradução de Jamil Almansur Haddad. 3º ed. São Paulo: Max Limonad Ltda, 1981:

Sois sage, ô ma Douleur, et tiens-toi plus tranquille.

Tu réclamaïs le Soir ; il descend ; le voici : [...]

Ma Douleur, donne-moi la main ; viens par ici,

Loin d'eux. Vois se pencher les défunes Années,

Sur les balcons du ciel, en robes surannées ;

Surgir du fond des eaux le Regret souriant ; [...]

Et, comme un long linceul traînant à l'Orient,

Entends, ma chère, entends, la douce Nuit qui marche.

Sê sóbria, minha Dor, e mantém-te mais quieta!

Reclamavas a Noite, ei-la: [...]

Minha Dor, dá-me a mão! Teu corpo em mim se escude!

Vê curvados além perdidos anos juntos,

Nas sacadas dos céus de vestidos defuntos,

Surgir do fundo do mar a Saudade Ridente; [...]

E assim como um sudário arrastado no Oriente,

Escuta, minha cara, a doce noite que anda.

dialogismo interlocutivo que implica, nas palavras do enunciador, “aquele para o qual elas se dirigem”. Abandonando as amarras do uso de qualquer marca lingüística, assegurando de forma mínima a informação do empréstimo realizado, a alusão é proposta para ser reconhecida pelo outro e só pode ganhar corpo *se* reconhecida; apostando no outro-receptor para reconhecimento do terceiro-outro — o já-dito presente em suas palavras —, o enunciador que escolhe a alusão escolhe correr o risco de perda de seus lucros e o risco do fracasso: ao praticar esses jogos dialógicos — interdiscursivos e interlocutivos — sem qualquer garantia, o enunciador perde a sua aposta... ou duplica os seus ganhos.

O risco que ele corre é, logo de início, um risco de sentido: a alusão é fundamentalmente da ordem do sentido e uma alusão falha não corresponde à perda de algo acessório, mas à perda de um sentido “a mais”, algumas vezes crucial; uma alusão “fracassada” é como um “barco carregado de sentidos” que se encontra à deriva, sem alcançar o seu porto de destino. Assim por exemplo, a alusão às “sacadas do céu”, reconhecível no fio das palavras de Collette, em sua evocação das duas jovens mulheres mortas e de seus túmulos, corresponde como que a uma comporta aberta no texto e irrigada pelas águas de um outro texto: banha-se na luz e na música de “perdidos anos” (“des défuntes années”), de “vestidos defuntos” (des “robes surannées”), de uma “saude ridente” (du “regret souriant”) ...presentes na lembrança de Renée Vivien, e são propostas ao leitor de uma forma que rejeita o peso de qualquer espécie de sinalização lingüística — aspas ou um “para retomar a imagem de Baudelaire” —, assumindo o risco de perda dessa parte essencial de sentido confiada à alusão... ou seja, ao leitor.

Em uma entonação bastante diversa — a da escrita plena de alusões do *Canard Enchaîné* —, a experiência pedagógica desenvolvida com estudantes do primeiro grau, a partir de um corpus constituído de observações das “formas de presença de discursos outros em um discurso”, revelou frequentemente um distanciamento quanto aos sentidos percebidos — por eles e por mim — memórias discursivas em frágil relação de interseção — rica na relação com um já-dito literário, histórico, político e mitológico, pobre quanto a canções, filmes e esportes —, cada uma das leituras feitas se mostrando radicalmente “falha” quanto aos sentidos postos em relação com o outro.

Não “compreender” uma alusão situa-se efetivamente no campo do “mal-entendido”, assim como “equivocar-se quanto à alusão” corresponde a equivocar-se acerca do sentido: é o que explicita a freqüente presença de comentários que, renunciando à alusão, rejeitam qualquer eco enganoso que possa ameaçar o sentido visado para mobilizar um outro, como em (32) (nesse caso, um empréstimo marcado pelo uso das aspas):

- (32) Trata-se de uma verdadeira escolha da sociedade: a escolha entre uma sociedade que continuaria a ser governada por uma elite auto-proclamada e auto-reproduzida e uma sociedade na qual milhares de indivíduos ainda excluídos do prazer do conhecimento vislumbrariam, finalmente, a oportunidade de “mudar de vida”. É *Rimbaud que eu cito, e não o programa de um partido político*. [C. Rotschild [a respeito do ensino superior], *Le Monde*, 26.1.84]

O risco assumido na alusão — com seus fracassos previsíveis, inconveniente que acompanha os prazeres do “êxito” — se inscreve, de forma marcante, na relação interlocutiva. Contando com o receptor, com a memória discursiva que vai lhe permitir o reconhecimento das palavras dos outros dadas a entender em suas próprias palavras, o locutor, através do seu jogo de alusões, desenha a imagem do destinatário do seu dizer — daquele a quem ele se dirige. O *prazer* da convivência está no cerne do mecanismo da alusão: pondo à prova uma cultura partilhada, a alusão bem sucedida afirma e festeja “uma comunhão”; a alusão abortada assinala a distância existente entre os dois pólos da “co-enunciação”; o fracasso da intercompreensão abre, de um lado e do outro, quando percebida, toda uma gama de sentimentos disfóricos: mal-estar do enunciador, que se sente desajeitado, até mesmo rude, em relação ao seu receptor, ou, inversamente, o receptor rejeitando o interlocutor que fazia uso da alusão, indigno do seu crédito; irritação ou humilhação por parte do receptor, ao detectar alusões que não consegue compreender e recebendo, por aí, a mensagem de que ele se encontra excluído do grupo ao qual esse dizer é endereçado.

A alusão que “abre” no texto a brecha da resposta necessária de um interlocutor desprovido do saber apropriado é, de certa forma, uma estratégia de *fechamento* de qualquer interação possível, destinada a ser compreendida apenas por uma comunidade adequada, justamente ali onde o empréstimo marcado, confinando o dizer num implante exterior especificado no interior do dito, vai corresponder à auto-suficiência de um dizer sem pré-requisitos quanto ao destinatário.

Nesses jogos de convivência e de exclusão, inerentes ao mecanismo da alusão e relacionados a uma comunidade de “já-ditos” partilhados — na ligação existente, por exemplo, em uma mesma nacionalidade ou entre casais, passando por todas as formas de grupos da geografia sociocultural²⁷ —

²⁷ Citemos como exemplo, e fazendo uso da forma de conversação escolhida entre “pessoas do mesmo mundo”, essa alusão dirigida aos *happy few* da psicanálise “midiática”, através da qual o autor retoma o título de uma obra de C. Clément, *Les Fils de Freud sont fatigues*, publicado um pouco antes e que lhe era dedicada:

é possível observar a presença de estratégias complexas que tentam dirigir-se a um público duplo, preservando o prazer da convivência com um público restrito e afastando, ao mesmo tempo, o risco de fracasso da comunicação com um público mais amplo: são as estratégias da alusão comentada, via de regra sob a forma de uma observação, de uma nota de rodapé ou nota de fim de capítulo, preenchendo a função de ampliar o círculo de recepção de um dizer em relação a um texto “principal” e conservando a elegância seletiva da alusão, como em²⁸:

- (33) [...] a atual tendência da lingüística seria mais de ressaltar o fato de que “dizer” é também “fazer”²⁹ [...]. [Alusão, obviamente, à célebre obra de Austin “Quando dizer é fazer”, traduzida do inglês “How to do things with words” para o francês sob o título “Quand dire c'est faire”]. C. Kerbrat-Orecchioni, *L'énonciation. De la subjectivité dans le langage* (1980:8 ; 227).

onde o tratamento da alusão reflete o caráter da obra, manual dirigido ao mesmo tempo a estudantes — razão da explicação ali presente sob a forma de nota — e aos pares, prevenindo estes últimos — por meio da alusão e da breve inserção do “obviamente” — quanto a reações negativas de receptores que não possuiriam tal conhecimento...

Lembremos, ainda, o jogo específico da alusão intratextual, na qual é o próprio texto que instaura essa memória partilhada: o prazer do texto é, nesse caso, o prazer de uma convivência cujas condições não são mais exigidas, mas oferecidas pelo próprio texto. Sob a forma de um eco imediato (34) ou de uma alusão longínqua, é o mesmo mecanismo que inscreve o leitor nos laços cúmplices de uma comunidade criada pelo texto:

- (34) Para esconder seu embaraço, ele tomou mais café.
— Ele ainda está quente, diz, feliz de falar em algo que ele conhecia bem.

[...] eu louvo a psicanálise como uma das únicas ações pontuais possíveis. Nesse sentido, sendo filho de Freud, eu não me sinto fatigado. [J. Rousseau-Dujardin, *Couché par écrit*, 1981]

²⁸ É possível encontrar outros exemplos de tal funcionamento em Authier-Revuz (1995:303).

— Veja você como Deus é bom, diz Madame Deurme, veja você! Ele nos vela, Ele nos vela! Exclama ela em modulação crescente.

E, no entanto, parecia que Ele³⁰ não nos havia velado senão imperfeitamente, já que pouco mais tarde ela se lastimou de ter sido acordada [...] por correntes de ar [...]. [Albert Cohen, *Mangeclous*, 1938]

O belo texto autobiográfico de J.B. Pontalis faz amplo uso desse procedimento: retomadas alusivas respondem às narrativas que evocam pessoas e palavras da infância, falando do vestígio discreto e remanescente dessas palavras na fala adulta e oferecendo ao leitor a cúmplice comunhão — registro de uma terna ironia com lembranças extremamente pessoais tornadas bens comuns; assim, por exemplo, à evocação de um ritual familiar, responde — anos mais tarde e vinte páginas depois — o eco alusivo que o faz ressurgir na narrativa do momento no qual o universo desse ritual desaparece:

- (35) Em seguida nós nos encontraremos todos na sala de jantar, calças curtas ou longas, a mesma toalha de flanela branca, e rindo polidamente da mesma piada de nosso avô: “hoje, nós temos contrafilé, mas não é porque ele é contra que ele será menos gostoso”.

[...]

No dia reservado ao almoço com o grande médico recém-chegado de Paris, eu ouvi estas palavras: “Não tem mais jeito”. Depois disso, a conversa retomou o seu curso ordinário e o contrafilé não foi menos gostoso... [...]. [J.B. Pontalis, *L'amour des commencements*, 1986, p. 69 e p. 114]

Os prazeres — e fracassos — da convivência encontram-se estreitamente ligados a uma dimensão lúdica. Ao contrário da certeza de informações fornecidas pelas formas explícitas de empréstimo, a alusão atua no registro do dissimulado, do escondido, do mascarado..., e, no entanto, suposto, adivinhado, reconhecido...; de onde o prazer na identificação de uma breve alusão, que multiplica índices ainda que reduzida a uma ou duas palavras (o “Oriente deserto” de (27), por exemplo), tal qual uma pepita de ouro que não é perdida; prazer do reconhecimento de uma voz sob os mais diversos tipos de mascaramento: metamorfoses que submetem fortes formas

³⁰ NT: A alusão é perceptível na grafia autônoma dada pelo narrador ao pronome ele, iniciado por maiúscula, remetendo à proposição de Madame Deurme, como uma espécie de eco imediato sob a forma de citação intra-textual.

poéticas a desmembramentos, recomposições irreverentes sob a forma de prosa (como ocorre com as nobres lamentações de Fedro, colocadas como epígrafe no exemplo de Proust, ou com a amplitude mística do soneto de Baudelaire em (24)); mascaramento por substituição de palavras em (29), onde apenas o elemento lexical *França* é conservado e onde o reconhecimento do dizer (“A França perdeu uma batalha, mas não perdeu a guerra”) não se mantém senão pela identidade de uma constelação semântica — a guerra — e por um esquema sintático-rítmico; disfarces interpostos no jogo com o significante, dissimulando, de modo claramente lúdico, as palavras dos outros sob essas “outras palavras” cuja associação ocorre no campo dos caprichos da paronímia (*hasard/bavards*, em (30)) ou formas aproximadas no plano fônico (un seul être/une seule lettre, em (36)), da homonímia (pins/pains, em (37)).³¹

Aproximar-se do “limite” da visibilidade é uma das tentações da prática alusiva: de adivinhação divertida ela pode transformar-se em código secreto de uma mensagem reservada aos raros iniciados que serão capazes de percebê-la; a alusão torna-se, para o enunciador, um “teste” que ele coloca no caminho do receptor, talvez até mesmo uma armadilha da qual ele se apropria na condição de “mestre”: existe algo de ironia ativa no comentário a seguir, de C. Lévi-Strauss, a respeito da não-recepção generalizada de uma certa alusão, dissimulada em uma de suas obras, como ele próprio afirmou gostar de fazer:

- (38) D.E.: [...] as últimas frases de *L'Homme nu*, que oferecem, de certa forma, “a última palavra” do *Mythologiques*, deram origem a várias discussões no que diz respeito ao seu “pessimismo”.

C.L.S.: Não se observou, sobretudo, que essas últimas páginas têm sua inspiração na conclusão do *L'Essai sur l'inégalité des races humaines* de Gobineau. Eu estou aqui com o li-

³¹ NT: os exemplos originalmente fornecidos pela autora, são baseados em processos paronímicos, e homonímicos, o que tornou impossível a sua tradução. Optamos, dessa forma, por transcrevê-los na língua original:

(36) *Un peuple qui perd son orthographe, perd sa mémoire et son intelligence. Une seule lettre manque et tout est chamboulé.* [Ph. De Villiers, *Le Figaro*, 29.11.88]. Alusão ao verso de Lamartine, *Le Lac*: “Un seul être nous manque et tout est dépeuplé”.

(37) Un presque octogénaire son père [père spirituel : Jean Paulhan] et s'administre une correction. [...] Pan sur papa, mais entre les pains palpite une souffrance, derrière le ressentiment un sentiment d'échec. [J. Clémentin, *Le Canard Enchaîné*, 17-2-88 (Compte rendu d'un livre d'Etiemble).] Alusão ao poema de Valéry, *Le cimetière marin*: “Ce toit tranquille, où marchent les colombes, / Entre les pins palpite, entre les tombes”; [...] (Este telhado por onde andam as pombas, / Entre os pinhais palpitam, entre as tumbas [...]).

vro, permita-me abri-lo. Veja: “[...sou eu que suprimo J.A] desviando dessas épocas invadidas pela morte, onde o globo tornou-se mudo, ele continuará, mas sem nós, a descrever no espaço suas órbitas *impassíveis*, etc.” Isto não lhe evoca nada? *Eu quis mesmo inserir no fim, na última frase a palavra “impassível” como uma “assinatura” de Gobineau* (no sentido dos antigos alquimistas). Outras citações veladas poderiam ser encontradas em meus livros.

D.E.: Se ninguém percebeu, talvez seja porque esta referência pode parecer paradoxal. A imagem de Gobineau não é das mais positivas. [C.Lévi-Strauss et D. Eribon, *De près et de loin*, 1988]

Nesses jogos, essenciais às formas de empréstimo, de configuração — imaginária — de si próprio num espaço efetivamente saturado de palavras dos outros, o grau de marcação zero da alusão é, também, no campo da enunciação, uma “aposta” enunciativa arriscada, que pode ser perdida ou ganha duplamente. Na alusão, pode-se encontrar a distinção ou a confusão entre um interior de palavras próprias, de si mesmo, e o exterior das palavras dos outros. Ali, onde as formas marcadas prudentemente assinalam o traçado diferenciador, configurando uma identidade discursiva, as formas de alusão, assumindo o risco do apagamento de fronteiras, encontram, em caso de sucesso, esse contorno sublinhado, reforçado porque imposto por si mesmo. Nessa encruzilhada dialógica de vozes — as do interdiscurso e as dos dois pólos da interlocução —, a alusão, através do seu modo específico de “evidência”, sem o socorro das precauções sinalizadoras, põe em jogo a distinção entre as palavras de um e dos outros, constituindo, dentre as formas de empréstimo, aquela que, paradoxalmente, assegura mais fortemente, em função dos riscos que ela comporta, as imagens do domínio enunciativo dos interlocutores: a do enunciador quanto às “fronteiras” de sua “identidade” e, ao mesmo tempo, a do interlocutor quanto a sua competência como receptor.

Estar submisso aos riscos da alusão

Se a alusão é uma figura de risco, risco localmente escolhido por um enunciador ao propor o reconhecimento interpretativo do outro, as palavras estrangeiras que ele intencionalmente inseriu entre as suas, risco esse que, como já visto, se conforta na sensação de controle do dizer e de suas fronteiras internas, o mecanismo sobre o qual ela se baseia — de não marcação e de interpretação — abre a caixa de Pandora das “alusões” reconhecidas pelo receptor para além da intencionalidade do enunciador: se a escolha localizada da alusão traz o risco do fracasso, é de outra natureza o risco, sofrido, de

serem as suas palavras investidas de outras palavras, exteriores a qualquer intenção defensiva, com todas as surpresas, os conflitos e a incerteza que se instaura no coração “do” sentido.

Alguns conflitos, ruidosos, não aparecem senão sob o modo de dissimulação desta problemática do risco assumido: naquilo que o enunciador escolheu, sem marcação do empréstimo, o que parece surgir não é fundamentalmente o risco de que isso escape ao outro, mas, ao contrário, a certeza do enunciador de poder escapar da responsabilidade enunciativa de tal empréstimo através da negação de qualquer intencionalidade. É possível, naturalmente, analisar nesses termos a conversação que se segue (num mundo público atento à colocação das palavras em um processo jurídico de difamação):

- (39) *J.M. Le Pen* : “O Senhor Polac é um homem sem humor, seguro de si e dominador. Ele se exhibe e pontifica [...] Esses comentadores sugerem, com uma “kolossal” sutileza, minhas simpatias pelas forças armadas alemãs, mostram a política e os valores fundamentais que eu defendo como derivações do nazismo [...] ”

Georges Kiejman, advogado dos réus, interrompe: “É voluntariamente que o senhor emprega os termos “seguro de si” e “dominador” que o general de Gaulle utilizou para definir o Estado de Israel?”

Jean-Marie Le Pen solta uma gargalhada: “Aí está! Eis a noção de anti-semitismo introduzida fazendo uso de De Gaulle. Não, eu não tinha intenções anti-semitas”. [Processo de difamação instaurado por J.M. Le Pen contra M. Polac, e comentadores diversos da emissão *Droit de réponse*, reportada no periódico *Le Matin*, 4.10.84]

Por outro lado, é totalmente fora da esfera do risco escolhido que se inscrevem as defasagens, mais ou menos conflituosas, entre intenção e recepção, quanto às palavras dos outros que circulam no dizer, nos exemplos que se seguem. A suposição de “dissimulação” calculada é descartada quando é o próprio enunciador que, tomado de surpresa (feliz ou constrangedora), “reconhece” nessas palavras uma voz que ele não havia convidado; assim, por exemplo, o seguinte enunciado, de um locutor que, evocando a cura psicanalítica que ele realizou,

(40) Bem, se minha análise prosseguiu *leve e alegre*³², naturalmente isso deveria dar certo. [Oral, novembro de 1990]

... adere sorrindo, em um segundo tempo, a uma auto-recepção imediata (como receptor de suas próprias palavras), de que, segundo ele, a psicanálise possui qualquer coisa de uma guerra; ou ainda, no enunciado que se segue, a reação de um candidato em um concurso para professores de francês, o qual, encontrando dificuldades quando da entrevista com o júri, no que diz respeito a sua interpretação de *La Route des Flandres* como portadora de uma “mensagem progressista” de “transformação do mundo”, tenta retificar sua fala dotando a visão de C. Simon de uma certa dose de pessimismo, pelo uso de palavras que são tomadas de empréstimo, contra sua vontade, de *L'Internationale*:

(41) É verdade que Claude Simon faz do passado *tábula rasa*³³.
...Enfim, talvez não seja esta a palavra, pouca coisa de concreto permanece. [Oral, novembro de 1998]

Poder-se-ia falar aqui de “lapso interdiscursivo”: não se trata do lapso que substitui uma palavra por outra pressionando o significante, mas de um lapso mais discreto que faz surgir palavras a mais, da memória do já-dito, onde, de modo semelhante ao lapso clássico, o inconsciente avança e se antecipa à intencionalidade.

Por mais perturbadora que possa ser essa experiência de não-domínio do enunciadador face à presença incontrolada de palavras dos outros naquelas palavras que ele julgava “suas”, é no processo de auto-recepção que tal experiência se impõe ao próprio enunciadador: o risco do estar submisso se inscreve, assim, nos limites do que o enunciadador, ao mesmo tempo, escuta, reconhece e admite como reminiscência em seu dizer.

No momento em que o reconhecimento das palavras dos outros implica a presença de um outro, o estar submisso ao risco corresponde a um dizer que escapa ao enunciadador em razão das “palavras dos outros” que o outro faz nelas ressoar por meio de um empréstimo tomado como alusão ou

³² NT: Alusão à « guerre fraîche et joyeuse » (guerra leve e alegre), injúria proferida por Guilherme da Prússia, em 1914.

³³ NT: Alusão a trecho da *L'Internationale*:

Du passé faisons table rase

Le Monde va changer de base

Nous ne sommes rien, soyons tout.

Do passado façamos tábula rasa

O mundo vai mudar de base

Nós nada somos, sejamos tudo.

como reminiscência. Os mais fortes conflitos podem abrir-se então, em torno desses rumores de “outras vozes” que, detectadas pelo receptor em um dizer, tornam-se inaceitáveis para o enunciador desprovido do domínio de seu sentido, no mesmo movimento que o traçado dos limites de “suas” palavras o contesta.

É o que põe em cena N. Sarraute na longa e difícil conversa entre dois velhos amigos, a qual, atravessada por movimentos de ternura e de companheirismo, corresponderá, entretanto, ao caminho de uma definitiva separação; o que ali constitui o ponto de não-retorno não são as arestas das falas mais fortes, abertamente críticas, mas esse abismo de incertezas onde as feridas e rancores de uma “alusão” se precipitam — alusão “reconhecida” por A (homem firmemente instalado em seu sucesso social e familiar, e cujo perfil modelar é ameaçado pelo estilo de vida de seu amigo B, mais “marginal”), alusão às palavras de Verlaine presentes nas palavras de B, isto é, à poesia como sendo o mundo de B, em oposição a A, para quem este mundo seria inacessível, alusão que B recusa categoricamente:

- (42) B: [a A, enquanto olha através da janela do alojamento de B]
: [...] parado aqui, diante da janela para olhar, ...com esse olhar que você pode ter, poder-se-ia dizer que você se funde com aquilo que você vê [...] sim, apenas por isso, de repente, você me é próximo... Você entende porque eu gosto tanto desse lugar... Ele parece um pouco sórdido, mas... seria difícil modificá-lo...

Existe aqui algo difícil de ser dito, mas você o sente, não é mesmo? Como uma força que irradia dessa ruela, desse pequeno muro à direita, desse telhado... alguma coisa de confortadora, de vivificante.

A: Sim, eu compreendo.

B: Se eu não pudesse mais rever isto, seria como se, eu nem sei..., sim, para mim, sabe, a vida está aí.

[silêncio, e em seguida, depois de um breve sorriso de A]

B: Mas, o que é que você tem?

A: *A vida aí é simples e tranqüila*³⁴... A vida está aí simples e tranqüila é de Verlaine, não é?

³⁴ NT: Alusão a Verlaine, *Sagesse*, III, 6 :

Le ciel est par dessus le toit

Si bleu, si calme ! [...]

Mon Dieu, mon Dieu, la vie est là,

Simple et tranquille

Cette paisible rumeur là

B: Sim, é de Verlaine; mas, por que ?

A: De Verlaine, é isso!

B: Eu não pensei em Verlaine, eu disse apenas que a vida está aí; só isso.

A: Mas a sua sequência viria naturalmente; só seria necessário continuar.

B: Eu não continuei!... por que eu tenho que me defender dessa forma? O que está acontecendo? O que é que há com você? [...]

A: Bem, vejamos, não se faça de inocente... A vida está aí simples e tranqüila.

B: Para começar, eu não disse isso.

A: Sim, você disse. Implicitamente. E não é a primeira vez.... você se pretende distante, fora, longe dos nossos padrões, fora dos nossos compartimentos [...] nada é mais apreciado do que o seu mundo, no qual você me deixava entrar como um favor para que nele eu pudesse me refugiar... A vida aí é simples e tranqüila... É aqui que você se mantém, ao abrigo de nossos contatos degradantes, sob a proteção de grandes Verlaines.

B: Eu repito que não pensei em Verlaine.

A: Certo, admitamos, eu concordo. Mas você deve reconhecer que nós estávamos inteiramente satisfeitos com apenas o pequeno muro, o telhado e o céu acima deles.

B: Onde então?

A: Ora, no Poético, a Poesia ! [...] ainda há pouco, diante da janela, quando você me deu um tapinha nas costas como quem diz... Eis um cara legal que conhece o valor dessas coisas. É inacreditável, mas você sabe, por mais imbecil que se seja sempre se é capaz [...].

[*Pour un oui ou pour un non*, em uma adaptação de J. Doillon, para o canal de televisão *La 7*, (fevereiro de 1990)]

Vient de la ville.

O céu acima do telhado

Tão azul, tão calmo! [...]

Meu Deus, meu Deus, a vida está aí,

Simples e tranqüila

Este calmo rumor

Vem da cidade.

Em um outro registro, o das declarações políticas “recebidas” e interpretadas através do filtro de memórias discursivas diversas que compõem a chamada opinião pública, a presença simultânea, em um discurso de Raymond Barre, das três palavras “trabalho”, “família” e “pátria”, evidentemente sem nenhuma marca, deu origem a uma viva polêmica entre aqueles cuja forte sensibilidade no campo do petainismo³⁵ fez inevitavelmente despertar em suas memórias a ressonância do lema do Estado Francês revelando uma alusão ou uma reminiscência inconsciente, enquanto o seu autor defendia que suas palavras eram palavras escolhidas na língua francesa para produção de um sentido pessoal posto ao abrigo de ingerências “exteriores”. Serge Daney designa judiciosamente como “lapsus de Barre³⁶” e o analisa como manifestação de um modo de relação com a linguagem: a surdez às palavras exteriores que atravessam “suas” palavras é denunciada como sendo constitutiva da “maneira arrogante [...] — não existe outra palavra — com que Barre trata a linguagem”, e aponta tal surdez como responsável pelos “excessos” discursivos através das quais as palavras se vingam (nesse caso, da sua memória ignorada):

É porque ele não imagina que a linguagem poderia lhe faltar com o respeito ou trair seu pensamento, que Barre escorrega tanto. É porque ele não imagina que as palavras *querem* dizer alguma coisa independentemente daquele que as profere que ele multiplica seus excessos. Ele não vê as palavras como coisas, mas como *suas* coisas [...]. A megalomania é de supor ser suficiente que ele, Barre, retome a fórmula *trabalho, família, pátria*, para que esta saia da História e, ao mesmo tempo, se desfaça de qualquer suposição de *petainismo*. Ao longo de todo o *Questions de confiance* não nos faltam provas dessa crença ingênua no poder resolutório das palavras desde que elas sejam assinadas “Barre”.

O que está em jogo nesse tipo de conflito — além do aspecto de má-fé que tanto de uma parte como de outra pode aflorar —, é a disposição, normalmente partilhada por todos, ainda que de forma desigual, de ignorar, por meio da ilusão protetora de domínio das dóceis ferramentas que a linguagem fornece ao “nosso” sentido, esta despossessão que o já-dito inscreve no interior de “nossas” palavras.

³⁵ NT: relativo ao Marechal Pétain, chefe de Estado francês do regime de Vichy, instalado na parte da França não ocupada pelos nazistas (1940-1944). Colaborador da Alemanha nacional socialista, depois da entrada das tropas alemãs na zona não habitada e até 1942 conservou um poder apenas nominal.

³⁶ Título de crônica de Serge Daney publicada no jornal *Libération*, em 28.01.1988.

Assim, pelo fato da não-marcação, passa-se do *risco escolhido* —, mais intenso do que o próprio risco, onde se afirma o domínio sobre o dizer e sobre o traçado de suas fronteiras interior/exterior —, para a *submissão ao risco*, por meio de um dizer tomado de assalto por vozes estrangeiras que, impostas pelo receptor, desfazem o fechamento, modo pelo qual se passa do domínio das formas de *heterogeneidade representada* em um dizer, para o fenômeno da *heterogeneidade constitutiva* do dizer, condição de existência desse dizer (e do seu sentido). Os conflitos abertos por esses “assaltos” acima evocados constituem emergências acidentais do modo permanente pelo qual o dizer não “se completa” — sob a forma de não-controle do enunciador e do mal entendido inerente à comunicação — senão no exterior, onde ele é, ao mesmo tempo, feito e “desfeito”.

A alusão inevitável

Assim, a submissão ao risco encontra-se, para além das “desventuras” da comunicação — a cujos caminhos elas levam —, na *aventura* permanente do dizer e do seu sentido: abandona-se, então, o terreno das formas locais, circunscritas — sucessos e fracassos das alusões escolhidas pelo locutor, avatares das alusões-reminiscências que ele vai submeter ao “reconhecimento” em seu dizer — e entra-se no campo do fato alusivo como dimensão — de riqueza e de risco — inerente à linguagem.

Esse caminho, forma isolável sobre uma cadeia discursiva, que conduz a uma regra do funcionamento discursivo — o que se aproxima do trajeto de Barthes acerca da citação “tudo é citação” ou de M. Schneider em *Voileurs de mots*, passando por histórias concretas de “plágio estrito senso” ou pelo componente linguageiro do “plágio em sentido amplo” — corresponde àquele de uma progressão imperceptível, da ordem do *continuum*, marcado, entretanto, pelo que eu chamei de “oscilação” quanto às relações do sujeito enunciator com o seu dizer.

Dentre as ilusões que fundam o sujeito enunciator, que o levam a “sustentar” uma fala, figura, em nosso campo de estudos, aquela em que, quando ele fala, acredita falar a língua que é sua, inscrevendo sua intenção significante nos recursos dados por esse instrumento, justamente ali onde, efetivamente, ele nunca fala a língua senão através dos discursos nos quais ela se encarna, ou seja, falando uma língua fala-se de fato incessantemente “como”; quer se queira quer não, fala-se sempre com palavras de outros.

Ilusão solidária da primeira é aquela de um dizer “*self-contained*”, auto-suficiente, seu sentido encontrando-se fechado no uso de uma língua-instrumento. O jogo da alusão, inscrevendo deliberadamente uma fenda no fechamento do dizer, não desmente esta ilusão; ao contrário, ele assegura

diferencialmente a imagem desse fechamento no coração do dizer e, por mais perturbadores que sejam, para o enunciador, os conflitos acerca do que ele possa sentir como invasões perpetradas ao seu dizer, estas são percebidas, no entanto, como acidentais e não fazem vacilar a certeza protetora do enunciador quanto ao caráter normalmente “acabado” de seu dizer.

Contra a idéia de um dizer pondo em ação uma língua-instrumento, a relação entre o fenômeno da discursividade como espaço de realização do dizer e aquele do inacabamento do sentido do dizer, constitui o cerne do dialogismo bakhtiniano, quando não se pretende reduzi-lo aos jogos de uma interação comunicacional, mas fornecer a sua real dimensão teórica, tanto histórica como subjetiva, quanto à questão do sentido. Para Bakhtin, as palavras não são “pedras” lisas, compactas, unidades de um sistema lingüístico abstrato, mas matérias “porosas”, intimamente penetradas pelos contextos que elas reconstituem — alusivamente — e onde elas figuram. Desta forma (eu sublinho),

Como resultado do trabalho de todas essas forças estratificadoras, a linguagem não mais conserva formas ou palavras neutras, “não pertencendo a ninguém”. Cada palavra *remete* ao seu contexto ou aos vários contextos nos quais ela viveu sua tensa existência”.³⁷

[...] cada membro do grupo falante encontra previamente a palavra não como ponto neutro da língua, livre das associações e dos julgamentos dos outros, desabitada das vozes dos outros. A palavra *chega ao seu contexto, vinda de um outro contexto*, plena de sentidos dados por outros. O próprio pensamento encontra a palavra *já habitada*.³⁸

De fato, para a consciência individual [...] a palavra da linguagem é uma palavra semi-estrangeira [...]. Até o momento em que ela é apropriada [...], ela está em lábios estrangeiros, em *contextos estrangeiros*, a serviço de intenções estrangeiras, e é ali que ela precisa ser tomada e feita “sua”. [...] A linguagem [povoada e superpovoada de intenções estrangeiras] não é um meio neutro. Ela não se torna facilmente, livremente, propriedade do locutor.³⁹

O autor (o locutor) tem seus direitos inalienáveis sobre o discurso, mas [...] também os têm *aqueles cujas vozes ressoam* nas palavras encontradas pelo autor (pois não existem palavras que não perten-

³⁷ Bakhtin (1975:114).

³⁸ Bakhtin (1929/1963), (grifado por mim).

³⁹ Bakhtin (1975:114-115), (grifado por mim).

çam a ninguém) [...] O discurso *age fora do autor* e é inadmissível neste introjetá-lo.⁴⁰

Essas palavras que, no dizer, vêm do exterior, trazem esse exterior junto consigo a ele remetendo, evocando-o, dando-lhe ressonância, etc.: para além da “primeira palavra”, aquela de Adão “abordando, em um primeiro discurso, um mundo virgem e ainda não dito”, o empréstimo e a alusão (seu duplo) constituem a lei secreta do dizer, a de um inacabamento em uma alteridade incontável.

Sobre essa heterogeneidade constitutiva do dizer e do sentido que representa o núcleo da abordagem bakhtiniana da linguagem e do texto, a análise do discurso desenvolvida por M. Pêcheux — com base na teoria das ideologias de Althusser e na “ordem do discurso” de Foucault —, seguida das elaborações lacanianas do sujeito, bem como a reflexão psicanalítico-literária de M. Schneider nos oferecem visões esclarecedoras.

No que concerne a Pêcheux, o seu questionamento radical de uma concepção do sujeito como fonte consciente do dizer e do sentido, remetendo a uma ilusão imaginária⁴¹ de domínio, põe em destaque a categoria do *desconhecimento* na sua função de proteção que cega o sujeito quanto ao “isso fala sempre antes, fora e independentemente”, e inscreve o real de um “ser falado” no interior da reivindicação do “eu falo”.

No que diz respeito à visão de M. Schneider, tratando do jogo da “ilusão do próprio” que, para o sujeito, responde à questão da “não-pertença inerente à linguagem”, à qual ele está atento, o mecanismo, jamais perfeito, de ilusão protetora permite vivenciar a experiência de despossessão, de desapropriação no dizer, por parte de cada um que ingressa na língua através da via (voz) de outro,

⁴⁰ Bakhtin (1979:331), tradução de Todorov (1981:83), (grifado por mim).

⁴¹ Sobre a questão, no campo da enunciação, do status dado ao imaginário, cf. Authier-Revuz (1995:82), em seu capítulo 2, “Balisages dans le champ énonciatif”, e mais especificamente em “Mettre l'imaginaire à sa place. Consistance et intérêt des formes de l'illusion”. O imaginário associado a uma teoria do não-sujeito, ou de um sujeito puramente ilusório — aquele dos primeiros trabalhos de M. Pêcheux, diretamente inscritos na linha de Foucault ou da “interpelação” ideológica dos indivíduos como sujeitos, de Althusser, ambos partindo de um questionamento sobre a atenção dada às formas enunciativas “superficiais” —, deve ser distinguido do imaginário presente nos últimos trabalhos de Pêcheux (cf. 1990), o qual, situado no quadro de uma teoria do sujeito semelhante à de Lacan, ali recebe a densidade de uma instância do sujeito (*le Moi*) e, não se reduzindo a tal instância, assegura ao sujeito um função vital de desconhecimento.

Não existe língua inata. A língua materna é dada, recebida⁴² [...]: aquela que lhe ensinava a língua lhe fazia aprender inicialmente a língua que era a dela; o período de ingresso na fala foi ao mesmo tempo captura das palavras da mãe.⁴³

e guardará sempre um certo distanciamento em sua “apropriação” da língua,

como se uma sombra houvesse caído entre aquele que fala e a sua própria língua: nela ele jamais se encontrará completamente⁴⁴

mas, principalmente para aqueles que, “mais que ninguém, atentando para o impróprio de sua fala”, tentam encontrar na linguagem uma resposta para as dificuldades que lhe são próprias. Assim é que a “melancolia”, segundo M. Schneider, é o que torna escritores aqueles que “têm dificuldades com sua língua”, ou mais ainda “com a língua dos outros” e que intimamente “não se sentem à vontade na linguagem, o que os leva a se tornarem homens de letras”, “apenas pelo desejo de uma primeira vez e pelo gosto do próprio, sabendo-se ultrapassados, torturados, invadidos pelo exterior”, aqueles que “se debatem com o murmúrio incessante do já-dito”⁴⁵.

O que o autor destaca no seu percurso pelas figuras textuais do “plágio” — seguido, em contraponto, de uma reflexão sobre essa outra prática da linguagem que é o caminho psicanalítico e que responde ao mesmo sofrimento de um “eu não possuo palavras que sejam minhas” — são as questões de identidade⁴⁶ oriundas das relações entre o eu e os outros, bem como os graves riscos ali existentes, fazendo da escrita um lugar possível para o sujeito.

Assumir o risco da alusão generalizada

Assumir o risco das alusões escolhidas, submeter-se ao risco das alusões impostas e, mais amplamente, fazer-se realmente submisso a uma saturação de sentido através do já-dito que ele não controla, são esses os privilégios e as restrições partilhadas por todo dizer, desde a fala mais comum até a obra literária mais elaborada. Nesse sentido, os jogos de intertex-

⁴² Schneider (1985:285).

⁴³ Schneider (1985:298).

⁴⁴ Schneider (1985:285).

⁴⁵ Schneider (1985:323; 327; 336; 345).

⁴⁶ Cf. : “L’incertitude quant à l’appartenance des livres rejoint la fragilité quant à la permanence et à l’identité du moi” (Schneider 1985:12).

tualidade literária, por mais ricos e sedutores que sejam, não são senão modalidades literárias do funcionamento linguajeiro em geral.

Por outro lado, apenas a escrita em seu sentido amplo pode dar conta do fenômeno da heterogeneidade constitutiva da linguagem e da “alusividade” que lhe é inerente, ocupando uma posição que, afastando o véu protetor do desconhecimento, renuncia à ilusão das palavras “próprias” e dão uma forma textual — a da alusão generalizada — à voz do já-dito, pagando o alto preço do “desaparecimento enunciativo” do sujeito. Partindo dessa posição enunciativa extrema, que faz da alusão ao exterior não uma forma local, por mais freqüente que ela seja, mas o regime enunciativo de uma escrita, a obra de Flaubert, voltada para “Le Livre” inteiramente recopiado, oferece uma encarnação exemplar. Para entender os limites que esse tipo de escrita ultrapassa “tornando-se alusão”, parece útil evocar a estratégia enunciativa, inteiramente diversa, pela qual Barthes responde, por exemplo, a uma idéia fixa da “Doxa”, de modo similar, no entanto, ao ódio à “Ignorância” experimentada por Flaubert. Distante dos prazeres oferecidos por uma intertextualidade habitualmente cultivada por Barthes através de “textos cuidadosamente escolhidos”, o que ele denuncia é a “arrogância”, o “reinado” da doxa, “envenenando” a singularidade do dizer de tudo o que de “gregário” e “imitativo” se “esconde” em cada signo, ali impondo a sua mortífera estereotipia; ninguém pode se subtrair à influência do já-dito-e-repetido inerente ao fenômeno da linguagem (“Eu não posso falar senão reunindo o que vagueia na língua”) e que, além disso, exerce sua “violência” sobre o sentido mascarado como evidente e natural: “A Doxa é [...] o sentido repetido, como se nada acontecesse”.⁴⁷ Na linha do dialogismo bakhtiniano, o que Barthes exprime como enunciator é uma extrema sensibilidade ao que eu chamei de “risco submetido” de todo dizer se ver subtraído de si mesmo.

Recusando qualquer ilusória alternativa de saída da linguagem “comum”⁴⁸ e da sua carga de já-ditos, a resposta de Barthes à ilusão (terrificante) do “funcionar por si mesma”, por trás da qual se exerce a lei da doxa, é aquela de uma “tática” linguajeira de vigilância, “reconhecida a impossibilidade de descartá-la”⁴⁹. Não se podendo escapar da estereotipia, trata-se de, numa “inquieta relação com a linguagem”, deter-se nos pontos em que ela mais ameaça suas próprias palavras e a ela “opor-se”; não para anulá-la, tarefa impossível, mas para, designando-a, subverter o modo de evidência sob o qual ela exerce sua influência e, assim, impor limites: emprestando a si mesmo, com certo humor, a imagem de “uma cozinheira vigilante que

⁴⁷ Barthes (1975).

⁴⁸ A sedutora imagem de uma soberania da criatividade individual expulsando o já-dito, assim como a tentação de um asséptico domínio das metalinguagens.

⁴⁹ Barthes (1975).

cuida de que a linguagem não se torne excessivamente espessa e não grude", é à "bateria" de instrumentos de distanciamento metaenunciativo — de tudo o que permite que "se pense a linguagem" — que Barthes recorre em suas receitas anti-doxa: [...] é necessário desnaturalizar o estereótipo por meio de algum signo verbal ou gráfico que mostre o seu desgaste (as aspas, por exemplo)⁵⁰.

É uma estratégia defensiva que essa escrita põe em ação, ao longo das suas aspas tão freqüentes⁵¹, através das quais um dizer se volta em direção a um inimigo exterior para ali detectar a ameaça: a trincheira anti-doxa, onde as aspas figuram como pontos de sinalização, marca, ao mesmo tempo, a persistência do já-dito e a resistência de um espaço próprio no qual o enunciador — para não se enganar, no plano teórico, sobre a posição do controle metaenunciativo posto em cena — inscreve a singularidade subjetiva de seu dizer⁵².

Bastante consciente do caráter de "compromisso" de que se reveste a sua estratégia enunciativa de defesa contra a ameaça do estereótipo, Barthes evoca o sonho, inacessível a sua escrita, de um "texto com aspas incertas"⁵³, ou, ainda, o "ideal" de "apagar, pouco a pouco esses signos exteriores [as marcas metaenunciativas]"⁵⁴; de modo similar, Bakhtin fazia do romance ideal um texto "inteiramente entre aspas". Esse ideal, inacessível, é aquele para o qual tende a escrita de Flaubert: a experiência, relatada em *Novembre*, do "desânimo sem fim" ao descobrir que, nos élanos criadores que o atravessavam, ele "encontrava em outros os pensamentos e até mesmo as formas que ele havia concebido", das quais ele não era "senão o seu copista", não o conduz, de forma alguma, a estratégias defensivas contra a estereotipia, com as barreiras delimitadoras que lhe são dadas pelas formas marcadas de remissão ao já-dito; trata-se de responder, por orgulho, constatada a humilhação de uma escrita alterada por um inevitável já-dito, com uma escrita

⁵⁰ Barthes (1975:93), "La fatigue et la fraîcheur".

⁵¹ Objeto de fácil ridicularização (cf. "Huitième leçon — La règle de surponctuation" dans Burnier M.A., Rimbaud P., *Le ROLAND-BARTHES sans peine*, éd. Balland, Paris, 1978) para quem optou por dar o status de "ornamento" a esses elementos de "tenso" equilíbrio da enunciação.

⁵² No tom mais trágico das respostas que Nietzsche deu sucessivamente ao "mal da linguagem" (o desgaste, a repetição, o "pré-julgado" de cada palavra, recalando e humilhando, através do já-dito, a afirmação singular), as aspas são encontradas como um dos recursos do enunciador contra o "caráter gregário" da linguagem, antes que ele deponha suas armas, evitando "esgotar-se em curar a incurável vulgarização da fala", para voltar-se, fora da linguagem, em direção ao "silêncio musical" do "Cante! Não fale mais". Cf. Haar (1978).

⁵³ Barthes (1975:110).

⁵⁴ Barthes (1975:93).

que se desdobra *como* um já-dito, transformando o risco — presente em *todo* dizer — de estar submisso ao fato da sua heterogeneidade constitutiva, no risco assumido de *uma* escrita singular que, aceitando a desposseção, torna-se voz do interdiscurso.

Ali, onde os jogos de reforço narcísico dos contornos de si próprio, por meio de alusões escolhidas ou por estratégias defensivas de salvaguarda do seu dizer através da localização dos estereótipos que os investem, passam — com base nas marcações em língua ou interpretativamente identificáveis — por um *traçado* que separa o próprio (interior) do outro (exterior), todo o trabalho de escrita de Flaubert consiste em representar a presença do “outro no um” de forma *indecidida e generalizada*.

Além da forte prevalência, desde *Madame Bovary*, de formas menos explícitas de empréstimo às palavras de outros⁵⁵ — modalizações autonímicas não-marcadas, discurso indireto livre, em oposição a formas explícitas (*como se diz; como ele diz*) ou tipograficamente demarcadas como aspas e itálicos — é um processo de apagamento⁵⁶ gradual das fronteiras interior/exterior que a obra de Flaubert apresenta: de *Madame Bovary* a *Bouvard et Pécuchet*, como se pode verificar também nas etapas genéticas de uma determinada obra, observa-se uma redução das marcas de alteridade discursiva⁵⁷ — diminuição de sinais tipográficos, sistematização do discurso indireto livre — bem como um trabalho sobre as formas não-marcadas, com o objetivo de aumentar a indecidibilidade da “repartição” operada entre o eu e o outro.⁵⁸

Para além da incerteza conferida ao traçado de fronteiras entre interior e exterior, é a própria existência deste traçado que é posta em questão — e, com isso, a consistência de um “interior” — através da inserção de formas (marcadas ou não) na economia textual. Assim, os estudos de C. Duchet

⁵⁵ As formas direta e indireta do discurso reportado não têm sua origem no empréstimo de palavras dos outros, ou seja, do “*falar com*” as palavras de outros, sendo o seu modo de funcionamento aquele do *falar de* [da] fala do outro; o primeiro mostra as palavras dos outros, não usadas como objetos, enquanto o segundo faz uso de *palavras próprias* para falar do conteúdo da fala do outro (o uso de “suas próprias palavras” podendo sempre evidentemente se duplicar, sob a forma de discurso indireto como dizer não reportado, em uma menção interpretativamente marcada, do tipo *como ele diz*).

⁵⁶ Descrito de forma precisa em A. Herschberg-Pierrot (1981; 1988).

⁵⁷ Redução que é significativamente acompanhada do desaparecimento de observações do autor, como levada a cabo em *Bouvard et Pécuchet*, cf. A. Herschberg-Pierrot (1981:274).

⁵⁸ Cf., por exemplo, Perruchot (1975: 277), destacando que o estudo das variantes de *Madame Bovary* mostra que “Flaubert transformou sistematicamente os indiretos livres atribuíveis, que remetiam ao personagem, em não-atribuíveis”.

sobre o uso do itálico em *Madame Bovary*⁵⁹ e as análises de A. Herschberg-Pierrot sobre o funcionamento das aspas em *L'Education sentimentale*⁶⁰ evidenciam como uma “estratégia global do texto” é desenvolvida em Flaubert, o qual subverteu as formas de marcação, *localizando* pontos de alteridade em uma fala que emerge aleatoriamente de uma exterioridade geral; o sinal tipográfico não tem ali senão o valor de remissão ao que é do outro, estendendo-se e “contaminando” o que o cerca por sua função demarcadora⁶¹ de signo da língua, sendo, de certa forma, “neutralizado” pela economia de uma escrita — a de uma “retórica generalizada do itálico” produzindo um texto “de fato, sem ruptura” e totalmente transformado num discurso do *como se diz/como ele disse*.

Do mesmo modo, a bela análise proposta por A. Herschberg-Pierrot acerca do funcionamento enunciativo do *Dictionnaire des idées reçues*⁶² revela, por meio da comparação de vários “catálogos de besteiras” contemporâneos, o caráter não-marcado generalizado da presença do discurso outro na escrita de Flaubert: ali, onde a regra do gênero é aquela de uma clara delimitação entre o discurso do *eu* e aquele — clichês de outros — que ele estigmatiza, é em Flaubert que o discurso como um todo ou através de qualquer palavra - dada a ausência de formas marcadas ou de um “dispositivo” textual de contradição, dissonância, redundância... separando o *eu* e as suas palavras do *alguém* e seus clichês - recebe interpretativamente um status “citacional” de repetido, no sentido de que ele se repete — “enuncia-se” — sozinho. As formas locais que se inscrevem diferencialmente em relação a um interior, responde, aqui, um jogo de diferenças *entre exteriores* que “retiram”, através da sua presença generalizada, todo o núcleo interior das palavras próprias: “o interior” do discurso nada mais é *que* relação entre exteriores.

Desafio vertiginoso de uma escrita, que renunciando à ilusória repartição entre o próprio e o exterior, retira qualquer pretensão — vital para o sujeito — de sustentar uma palavra própria, esvaziada de toda “consistência enunciativa”; e se torna o *lugar* de ressonância da anônima voz do interdiscurso, posição enunciativa “extrema” — ressaltada por Barthes no que ela tem de “enorme”, de “vertiginoso”, e de “louco” — onde o único “sujeito” do dizer (nos dois sentidos desse termo⁶³: *quem* fala nesse dizer e *do que* ele fala) é a *linguagem* em sua materialidade interdiscursiva.

⁵⁹ Duchet (1975: 76).

⁶⁰ Herschberg-Pierrot (1981:287).

⁶¹ Essencial na “vigilância” ou no cúmplice distanciamento dado pelos itálicos de um Stendhal, por exemplo.

⁶² Herschberg-Pierrot (1988).

⁶³ NT: No idioma francês, o lexema “sujet” é usado para designar o ser humano (o indivíduo), podendo ser também utilizado como sinônimo de “tema”, razão pela qual

O ideal do artista apagado em sua obra, tal como “*Deus na natureza*”, atesta o risco subjetivo inerente a essa prática linguageira constituída “reciprocamente na exclusão do eu e na assunção da língua”⁶⁴: perda vertiginosa do sentimento de si e da estabilidade dos, por mim chamados, “seus contornos”⁶⁵, na completa solidão moral, no menosprezo de um sujeito enunciator invadido, com todas as fronteiras apagadas pela exterioridade discursiva, e solidário com a apoteose de um “não ser senão um”, com o Outro soberano, a toda poderosa Ignorância dando-lhe — *textualmente* — voz.

O jogo enunciativo da alusão local, escolhida, de um “eu falo aqui com palavras exteriores”⁶⁶, proposto ao cúmplice reconhecimento do receptor, é aqui transmutado num “o exterior fala” que — enquanto lei secreta da linguagem com a qual se chocam os enunciadores submissos às alusões impostas pelos receptores, ou contra a qual sujeitos, feridos pela autoridade do já-dito em seus dizeres, multiplicam os sinais defensivos —, só pode tornar-se regime enunciativo pela escolha feita em direção à *escrita literária*.

Fazer alusões é uma possibilidade enunciativa oferecida a todo e qualquer discurso; ser constitutivamente alusivo é uma lei que afeta todo discurso; “escrever” a partir do que constitui lei da linguagem, num apagamento deliberado de si próprio a favor de um “dizer a linguagem” está no exercício da literatura e apenas nele: dizer a linguagem, no sentido de que a escritura literária é a única a dizer o verdadeiro *sobre* a linguagem — em nosso caso, o verdadeiro sobre a “alusividade” sem pertenças — *pelo fato* da linguagem que *se diz*, ou seja, a linguagem que, tomada nas malhas de uma construção textual, é forçada a dizer-se, a mostrar-se, reflexivamente, pelo que ela mesma é.

Referências Bibliográficas

a autora faz uso do termo nos dois sentidos da palavra: aquele que fala e sobre o que ele fala.

⁶⁴ D.G. Laporte (1980).

⁶⁵ Fazendo eco ao par anulação/onipotência, essa confidência pode também ser ouvida não em um tom de constatação ativa, mas seguramente de sofrimento: “Eu não estou *com* ninguém, *em nenhum lugar*, não estou em meu país e talvez não no mundo. Ainda que eu tente me integrar, eu não consigo”. [Flaubert, *Correspondance*, citado por Schneider (1985:38) (grifo meu).

⁶⁶ O *pastiche*, como gênero, seria oriundo desse jogo enunciativo da alusão local, significando uma *ampliação* dos limites de um texto, inteira e homogeneamente escrito sob a forma do “eu falo aqui [= neste texto] com as palavras de *um* determinado exterior, e não significando a *reviravolta* desse jogo em uma escrita de alusão generalizada que esvaziaria o lugar do *eu* em favor da voz exterior.

- AUTHIER-REVUZ J. (1982), *Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive, éléments pour une approche de l'autre dans le discours*. In DRLAV n° 26, p. 91-151.
- _____. (1984), *Hétérogénéité(s) énonciative(s)*. In *Langages* n° 73, p. 98-111.
- _____. (1995), *Ces mots qui ne vont pas de soi: Boucles réflexives et non-coïncidences du dire*. Larousse: Paris, 1995, 2 vol., 839 p.
- _____. 1997. *Modalisation autonymique et discours autre: quelques remarques*. In *Modèles Linguistiques*, Vol. 35, 1997, XVIII, fasc.1, p. 33-51.
- BAKHTINE M. 1929/1963. *La poétique de Dostoïevski*. Paris : Du Seuil, 1970; *Problèmes de la poétique de Dostoïevski*. Lausanne : L'Age d'Homme, 1970.
- _____. 1975. *Esthétique et théorie du roman*. Paris: Gallimard.
- 1979. *Esthétique de la création verbale*. Paris: Gallimard.
- BARTHES R. 1975. *Roland Barthes par Roland Barthes*. Paris: Du Seuil. Coleção "Ecrivains de toujours"
- DUCHET C. 1975. *Signifiance et in-signifiance: le discours italique dans Madame Bovary*. In *La production du sens chez Flaubert*. Colóquio de Cerisy, 1974, UGE, Paris, 1975, Coll. 10/ 18, p. 358-394.
- _____. 1976, *Discours social et texte italique dans Madame Bovary*. In *Langages de Flaubert*, publicado em *Situation*, n°32, *Actes du colloque London* (Canada), 1973, Coleção. "Lettres modernes ", Paris: Minard, p. 143-163.
- HAAR M. 1978. *Nietsche et la maladie du langage*. In *Revue philosophique*, n° 4, outubro-dezembro, p. 403-417.
- HERSCHBERG-PIERROT A. 1981. *La fonction du cliché chez Flaubert: la stéréotypie flaubertienne*. Tese de Doutorado. Universidade de Paris 3, 549 p.
- HERSCHBERG-PIERROT A. 1988. *Le dictionnaire des idées reçues de Flaubert*, P.U. de Lille.
- LAPORTE D.G. 1980. *Le lieu commun*, in *Ornicar* (?) n° 20-21, p. 281-308.
- PÊCHEUX M. 1990. [Textos de], *L'inquiétude du discours*. Textos escolhidos e apresentados por Denise Maldidier, Editora Cendres : Paris.
- PERRUCHOT C. 1975. *Le style indirect libre et la question du sujet dans Madame Bovary*, in *La production du sens chez Flaubert*. Colóquio de Cerisy, 1974, UGE, Paris, 1975, Coleção 10/ 18, p. 253-283.
- REY-DEBOVE J. 1978. *Le métalangage*. Le Robert: Paris, 1978, (Nova edição de Armand Colin, 1997).
- SCHNEIDER M. 1985. *Voleurs de mots*. Paris: Gallimard. Coleção "Connaissance de l'Inconscient".